

---

## RELATO DE EXPERIÊNCIA:

### Vencendo preconceitos, ocupando espaços, educação e cultura

## EXPERIENCE REPORT:

### Overcoming prejudices, occupying spaces, education and culture

---

Cristiano Antônio dos Santos<sup>1</sup>

#### Resumo

Sou indígena do povo Truká, moro na Aldeia Caatinga Grande, na Ilha de Assunção, Território sagrado dos Truká, em Cabrobó/PE. A Ilha de Assunção é o lugar onde passei a morar desde os meus 2 anos de idade. Antes minha família morava na cidade de Cabrobó, pois tinha sido expulsa da Ilha pelos invasores, e somente durante o processo de reconquista do território voltou para a Ilha. Sou filho de Benedita Maria dos Santos e Antônio Gomes dos Santos, guerreiros em ativa que têm contribuído no Movimento pelos nossos direitos desde do início do processo de retomada do território até o presente momento.

**Palavras-chave:** Educação. Experiência. Relato.

#### Abstract

I am indigenous to the Truká people, I live in Aldeia Caatinga Grande, on Assunção Island, Sacred Territory of the Truká, in Cabrobó/PE. Asunción Island is the place where I started to live since I was 2 years old. Before, my family lived in the city of Cabrobó, as it had been expelled from the Island by the invaders, and only during the process of reconquering the territory did it return to the Island. I am the son of Benedita Maria dos Santos and Antônio Gomes dos Santos, active warriors who have contributed to the Movement for our Rights since the beginning of the process of retaking the territory until the present moment.

**Keywords:** Education. Experience. Report.

#### Truká: meu território, minha escola e meus mestres

Temos que ser todos um corpo só.  
Temos que cuidar de nós todos, do nosso costume.  
(Tonho de Chiquinho, indígena Truká).

Sou indígena do povo Truká, moro na Aldeia Caatinga Grande, na Ilha de Assunção, Território sagrado dos Truká, em Cabrobó/PE. A Ilha de Assunção é o lugar onde passei a morar desde os meus 2 anos de idade. Antes minha família morava na cidade de Cabrobó, pois tinha sido expulsa da Ilha pelos invasores, e somente durante o processo de reconquista do território voltou para a Ilha. Sou filho de Benedita Maria dos Santos e Antônio Gomes dos Santos, guerreiros em ativa que têm contribuído no Movimento pelos nossos direitos desde do início do processo de retomada do território até o presente momento.

---

<sup>1</sup>Professor na Escola Estadual Indígena Capitão Dena; Licenciando-se em Física pelo IF-Sertão/PE- Campus Salgueiro.

Minha mãe teve oito filhos com meu pai, dentre esses sou o mais novo. Quando eu tinha 2 anos de idade meus pais se separaram, e até o presente momento nunca mais reataram. Meu pai constituiu outra família. E minha queridíssima mãe continuou sua vida cuidando dos seus oito filhos, passando a cumprir os dois papéis. Trabalhando de sol a sol, andando distâncias longas a pé para que nada faltasse a seus filhos. Como mulher indígena, minha mãe, conseguiu não só nos dar o alimento diário, deu amor e segurança para lidar com os desafios impostos pela vida, e também nos deu o direito de estudar. Todo o esforço dela foi válido, pois hoje pode ver três de seus oito filhos concluírem o Ensino Médio e ingressarem na Educação Superior, vendo que um já se formou.

Tenho como mãe uma mulher guerreira que retrata bem as lutas das mulheres indígenas, por isso me considero privilegiado. Pois, apesar do incentivo da nossa mãe, meus irmãos mais velhos nem todos concluíram sequer o Ensino Médio, porque eles viam o sofrimento dela, trabalhavam para ajudá-la, e devido a isso chegavam cansados para estudar, chegando ao ponto de desistirem no meio do caminho, porém aprenderam a ler e a escrever.

Além do exemplo da minha família, eu conheci e convivi com um mestre. E na escola da vida pude conhecer e conviver com ele que é minha maior fonte de inspiração aqui na terra depois de minha mãe. Trata-se do senhor Antônio Emiliano de Barros conhecido popularmente como Seu Toinho, Bida, Tonhe de Chiquinho. Homem simples, analfabeto, nem estudou na escola que hoje temos no Território, mas, detinha um grande conhecimento. Pois foi formado e preparado pela Natureza sagrada. Dedicou sua vida ao povo, foi pajé, liderança, guiou toda a nação Truká no processo de retomada do território sagrado.

E assim se fez presente sempre, orientando e dando conselhos a todos. Agradeço a Deus e toda a força encantada, por ter me concedido o privilégio de ter como orientador no meu percurso de vida o mestre Seu Toinho. Todas as vitórias que consegui tive seus ensinamentos empregados. E para sempre reinará seus ensinamentos e legado de vida, sempre será citado. Quando a dificuldade resolve querer atrapalhar, firmo o pensamento, nas conversas, ensinamentos e seus conselhos. É como ler um livro escrito por ele, porém não é, não está escrito. Mas, ele continua aqui. Apenas a matéria se foi, o legado continua vivo e reinará para sempre.

No tocante ao processo de conquista de direitos e luta contra os preconceitos étnicos, foram longos anos de luta. E muitos guerreiros tombaram na luta pela terra e por demais direitos que nos são garantidos na constituição de 1988, embora não sejam cumpridos pelo Estado brasileiro. Acompanhei boa parte desse processo histórico, mesmo sendo criança, na retomada

onde foi levantado o acampamento na cabeça da ponte, vi o quanto foi difícil. Mas, Graças a Deus e toda força encantada do povo Truká teve seu território de volta.

Entretanto, mesmo estando de posse da terra, a luta ainda não tinha acabado, ainda restavam outras demandas como Educação, Saúde e respeito às nossas especificidades étnicas a serem garantidos. Por exemplo, lembro-me de uma situação que presenciei: era dia 11 de setembro, o ano não me recordo, nós do povo Truká participamos do tradicional desfile em comemoração ao aniversário da cidade. As pessoas ali em volta nos desprezavam, chamavam-nos de bandidos.

Esse foi um dos momentos tristes que passei, mesmo assim continuamos como sempre a lutar. Atualmente todo o cenário tem mudado hoje a grande parte reconhece nossas lutas, nos respeitam, mostramos à população local quem somos e os nossos valores. Somos um povo trabalhador que tem movimentado a economia de Cabrobó por meio da agricultura, sendo o maior produtor local abastecendo cidades vizinhas em Pernambuco, e também em outros estados.

No tocante à educação específica e diferenciada Truká foi pautada e discutida por professores e lideranças durante anos. Com o intuito do fortalecimento cultural por meio da educação, trazendo os saberes do povo para o espaço da escola. E a base da minha formação no ensino fundamental e médio foi em escolas indígenas. Cheguei a estudar em uma escola não indígena em dois momentos. Um primeiro momento foi no quinto ano do fundamental, série que na época não era ofertado nas escolas indígenas, outro momento foi pelo motivo da escola não ofertar o terceiro ano do ensino médio no período da noite, eu trabalhava durante o dia e não tinha como estudar, a escola ofertava no período da tarde. Todo esse processo que passei entre escola indígena e não indígena foi muito importante para minha formação.

Na escola não indígena enfrentei muitos desafios, ela não estava preparada para nos receber. Sofri com piadas de mau gosto, preconceito. Naquela época, falar que era índio e morava na ilha de Assunção, o pessoal já olhava de forma diferente, falavam continuamente que aqui só tinha ladrões e maconheiros. Passei dois anos nessa primeira fase, fui aprovado no primeiro, mas segundo já estava cansado daquele espaço, não tinha vontade de estudar, fui reprovado. Com o avançar da educação indígena, foi ofertado no território o sexto ano fundamental, série que eu tinha sido reprovado no ano anterior na escola da cidade. Não pensei duas vezes, pedi a minha mãe para voltar a estudar na escola indígena, era perto de casa e eu estaria com meu povo. Voltei, consegui me achar novamente nos estudos, mas não com todo encantamento que fui para escola na cidade.

Depois daquela experiência foi difícil conseguir estudar, dedicar-se, hora e outra eu pensava em desistir dos estudos. Aquilo me fez pensar que minha vida seria apenas trabalhar na roça, ser um mero empregado diarista e somente isso. Houve muitos momentos que eu chamo de apagão, fases em que eu deixava de estudar para estar trabalhando na roça. O tempo passava muitas faltas na escola, me recordo de muitos recados ou mesmo quando eu via alguns professores, pediam para que eu voltasse para escola, acreditavam em mim quando nem eu mesmo acreditava. Todas essas idas e voltas(apagões) ocorreram logo após essa primeira experiência na escola da cidade e se persistiu até a conclusão do ensino médio. Mesmo estando em casa, pois a partir daquela turma do sexto à medida que se progredia para nova série, até ter primeira turma formada no território, sempre no período da tarde. Conclui o último ano do Ensino Médio na cidade, não por que não tinha no território, mas pelo fato de ser ofertada a noite, na mesma escola que estudei na primeira fase, essa nova fase foi diferente pois eu já tinha maturidade, consegui me dá bem, e tudo que estudei no terceiro ano lá, eu já tinha estudado na escola indígena no segundo ano. Dentre essas idas e vindas, a cada apagão, eu voltava com mais força, emanada que vinha do amor que era passado por minha mãe, família e essas nobres professoras, que eu prefiro chamar como sendo minhas mães na educação. Hoje depois de tudo, agradeço primeiramente a Deus e toda força encantada, a minha mãe que sempre me deu forças e orientou para seguir estudando, a minha família em especial a minha irmã Cleonice, e a cada professor(a) indígena que lutou e fez com que a educação específica e diferenciada Truká acontecesse. Que cada professor que fez parte desta luta se sinta homenageado, parte do que sou devo a vocês, muito obrigado!

### **Ingresso no IF-Sertão/PE: ocupando novos espaços, encontrando velhos preconceitos!**

Em relação ao ingresso na Educação Superior, ocorreu no ano de 2017, quando fui aprovado no curso de Licenciatura em Física no IF-Sertão/PE - Campus Salgueiro. Havia se passado muitos anos desde o episódio ocorrido em 11 de setembro. Porém ainda me deparei com os mesmos preconceitos, desta vez dentro do IF-Sertão/PE. Ouvi aquele velho comentário: “Índio faz dança da chuva!” Outro bem marcante para mim foi quando um colega de sala falou que nós indígenas éramos privilegiados pois ganhávamos uma Bolsa e eles não. Naquela semana, enquanto eu estava nos meus primeiros dias de aula na Educação Superior, que é resultado da luta dos povos indígenas, o meu povo e demais parentes estavam ocupando a Sede da FUNAI na cidade Paulo Afonso-BA. Então falei para aquele meu colega: Sabe porque meu

povo está ocupando lá? Ele respondeu: “Não”. Continuei: “Estão lutando por nossos direitos. Não aceitam a nomeação de um certo funcionário, por saber que ele é contra as lutas dos povos indígenas. Você acha justo ter a frente de um órgão importante alguém contrário às nossas causas?” Ele respondeu: “Não”. Pois bem, eu falei: Se estou aqui neste espaço onde notoriamente poucos tinham acesso, somente pessoas ricas e de cultura ocidental, e tenho o direito a uma bolsa, foi graças a luta do meu povo, não foi dado de mão beijada. São mais de 500 anos que resistimos à invasão de nosso território e cultura. Então faça o mesmo! Lute! Reclamar não resolverá.

Outro acontecimento no IF-Sertão/PE, partiu de dois professores, onde um deles falou que nós indígenas, ele se referiu aos Movimentos, éramos baderneiros e reclamavam de tudo, dando a entender que lutamos sem fundamentos. Compartilhando das mesmas ideias, o segundo ainda falou que o Brasil tinha sido descoberto por Pedro Álvares. Porém, este não fazia a mínima ideia que havia índios na sala. Respondemos à altura, ele ficou sem palavras. Na primeira situação, eu era o único indígena da sala, em pleno ano 2019, quando tínhamos à frente da Nação brasileira, um Presidente que é declaradamente contra os povos indígenas, e desde então ocorreram muitos retrocessos para todas e todos brasileiros pertencentes às populações minoritárias. Mesmo assim, perguntei ao professor: Professor, você fala que brigamos por tudo. Mas, se todos lutassem por seus direitos, acredita que o Brasil estaria da forma que está e sob o poder deste desgoverno? A resposta dele foi: “Realmente, com certeza não estaria, reconheço”.

Isso, quando ingressei no IF-Sertão/PE, durante o primeiro ano passei andando a pé da aldeia até a cidade, cerca de 2,5 km. Saía de casa às 10 horas da manhã e só chegava em casa às 22 horas. Nesse trajeto passei por três abordagens policiais. Duas delas ocorreram em um dia só, com intervalo de 10 minutos. Na primeira fui abordado por dois policiais, eu andava com minha mochila, educadamente pediram que colocasse as mãos na parede, pegaram minha mochila, abriram, se deparam com apostilas do meu curso, ao verem que eu estudava no IF-Sertão-PE pediram para que virasse, e passaram a conversar comigo inclusive me elogiaram por estar no curso de Licenciatura em Física.

Enquanto na segunda foi um terror! Eu continuava caminhando rumo ao ponto de ônibus quando a viatura chegou, de imediato um dos policiais foi logo falando: “Tá surpreso?” Respondi: Por que eu estaria? O policial desceu numa convicção que estava pegando um bandido, foi logo ordenando para eu colocar as mãos na cabeça, gritavam, perguntou de onde eu era, ao responder piorou a abordagem, agiram com mais violência. Para eles, as minhas respostas na abordagem era uma ofensa, ou sei lá o que pensaram, sei que foi um terror! Mas,

quando revistaram minha mochila, e encontraram só a apostila de Física, viram que eu era estudante do IF-Sertão/PE, aí mudou a situação. Entregaram a mochila, pediram desculpas afirmando: “Estou fazendo meu trabalho!” Depois de tudo, me mandaram ir embora.

### **Pandemia: desafios, ensino e educação remota, combatendo a ignorância em todos os espaços.**

Com o início da pandemia da COVID - 19 tudo mudou, foi uma agitação grande em todo território, todos previam que tempos difíceis estavam por vir. A cada dia que passava, cada vez mais aumentava a tensão na comunidade. De Repente não se podia mais realizar rituais, pois estava em grande ascensão os números de casos no país, estado e cidade. Todo aquele acolhimento e receptividade tradicional (contato direto, aperto de mão, abraços e conversas) do povo Truká, seja com seus parentes internos, externos e visitantes, não era mais possível de acontecer. Cada vez mais víamos que se aproximava de nós essa doença, mas, como sempre tivemos proteção dos encantos, barreiras de higienização sanitárias foram montadas na entrada da ilha de Assunção, foi recomendado que as pessoas da comunidade fossem até a cidade apenas por questões de saúde ou compra de gêneros alimentícios, também o acesso de pessoas que não eram do território foi interrompido.

O fechamento da entrada da ilha causou um impacto na economia do povo, isso porque não seria possível a venda das mercadorias. Após diálogos internos entre lideranças e comunidade foi permitida a entrada de compradores para escoar as mercadorias do povo, respeitando todos os protocolos de segurança impostos pelos órgãos de saúde. Contudo, os primeiros casos registrados no território aumentaram a tensão e o medo, mas, o povo estava sempre firme pedindo forças aos encantos da luz.

À medida que os estudos da vacina avançavam eu ficava ainda mais motivado, acompanhava tudo e repassava para aqueles que não acompanhavam ou não entendiam todo aquele processo. Lembro-me que eram muitas as perguntas, sempre fiz questão de responder a todos, mesmo não sendo da saúde, mas, sou graduando do curso de Licenciatura em Física, sou cientista em formação, e entendia que o método científico estava sendo empregado para descoberta da vacina. Assim, partindo do conhecimento adquirido em minha graduação, explicava como funcionava o método científico e passo a passo até chegar a vacina. Quando o anúncio da vacina contra o Coronavírus foi anunciado, creio não só aqui, mas em todo o país,

houve um alívio, tínhamos mais uma arma contra a COVID, além de nossa fé em Deus e na força encantada.

O anúncio da data que tomaríamos nossa primeira dose era aguardado por muitos, mas, teve aqueles que desconfiavam da vacina, da ciência. A desconfiança nos casos que presenciei, se agrava com determinados posts negacionistas, falas na internet e também por meio dos telejornais, disseminados na maioria dos casos pelo o atual Presidente da República e sua cúpula de negacionistas. Essas falas e posts infames construíram uma desconfiança entre as pessoas, pois muitos acreditavam que a vacina, tão repentina vinham para matar todos que tomavam, ou, como o próprio presidente falou, iríamos se transformar em jacaré. Mas, com muita garra e perseverança, não deixamos essa narrativa negacionista se instalar, assim como eu, muitos do meu povo contribuíram informando e explicando todo o processo, não deixando o povo se enganar com as mensagens negacionistas.

Assim, o anúncio da data de nossa primeira dose da vacina foi comemorada em toda a comunidade, tomamos a primeira e segunda, Ufa! Que alívio foi! Porém, mesmo com a vacina surgiram novos casos na comunidade, mas, creio que, pelo fato de termos tomado a vacina, muitos acreditavam que não contraíram o vírus. Graças a Deus e toda força encantada, foram leves os sintomas dos que contraíram, tanto antes como após a vacina.

A pandemia também trouxe desafios para minha Graduação. De repente, as Universidades do Brasil e demais Instituições de Educação Superior, inclusive o IF-Sertão/PE, instituição que estudo, suspenderam as atividades presenciais, levando um tempo para implantar o ensino remoto. Foi um caos, mais um desafio a ser vencido na nossa trajetória acadêmica. Pois, eu tinha, forçosamente me adaptado, com muito sofrimento ao sistema superior que, diga-se de passagem, tenta de todas as formas nos excluir, levar à desistência logo no início do curso. Não tive apoio da instituição, para fazer essa transição. Penso que deveria ter apoio para as/os estudantes indígenas que saem dos seus territórios, com suas culturas diferentes, pois, cada etnia tem sua especificidade e capital cultural. Chegar na universidade já é difícil, se manter lá é mais ainda.

No meu caso, quando ingressei, se tornou mais simples essa transição, porque junto comigo, tanto no meu curso como em todo IF-Sertão/PE Campus Salgueiro ingressaram indígenas do meu povo e de outros povos. Um ajudava o outro, porém à medida que se avançava o curso, meus parentes ficavam para trás, vencidos pelo sistema, muitos já desistiram. Chegando o momento que só tinha eu como indígena em minha sala. Porém, mesmo com mais esse desafio estava decidido a não desistir, continuei lutando. Uma nova batalha se iniciava

com a pandemia e adesão do ensino remoto, sem internet e aparelho de qualidade para assistir às aulas (tinha apenas dados móveis ruim, acessado pelo celular). Embora com dificuldade consegui contratar uma empresa de internet, mas, faltava um equipamento adequado para assistir às aulas, porque o que eu tinha estava um pouco desgastado.

Nessa época surgiu um edital no IF-Sertão/PE com seleção para compras de aparelhos (celular ou computador e acesso a internet). Sendo, R\$ 800,00 (oitocentos reais) para compra de aparelhos, e R\$ 75,00 (setenta e cinco reais) para pacotes de internet. Me inscrevi, porém fui selecionado apenas para compra de aparelho. O dinheiro foi bem vindo, deu para comprar um celular novo que poderia acompanhar as aulas. Agora restava me adequar ao novo, à realidade digital, que naquele momento parecia distante da minha rotina cotidiana. Para quem antes de entrar na Graduação mal sabia usar o e-mail (porque para mim o e-mail aparentemente não servia para nada). Tinha agora que aprender a utilizar ferramentas como Google sala de aula, Google Meet, Google Drive, entre outras.

O IF-Sertão/PE oferece uma formação geral, nada específico para os alunos indígenas. Então, assistir às aulas on-line tem sido um grande desafio, mesmo porque nem sempre o serviço de internet permite, pois, na minha aldeia há vários fatores que interferem no acesso de qualidade à internet, inclusive alguns fenômenos naturais, como a chuva, trovoadas e raios provocam a perda do sinal, além das frequentes quedas de energia elétrica. E por isso perdi muitas aulas, também por causa de atividades extras que a pandemia impõe, sem contar o desânimo.

Contudo, consegui até o presente momento vencer os desafios impostos no início da Graduação, mais os decorrentes da pandemia. Além de todos os obstáculos superados, surgiu uma oportunidade de emprego. Quando em 2020, iniciava a disciplina de estágio, resolvi estagiar na escola que estudei (Escola Estadual Indígena Capitão Dena) localizada na aldeia sabonete. Espaço no qual tenho muito carinho por todos os profissionais. Fui muito bem recebido por todos e, na última etapa daquele processo, fui chamado para substituir uma professora que ia entrar de licença a maternidade, de imediato aceitei o desafio.

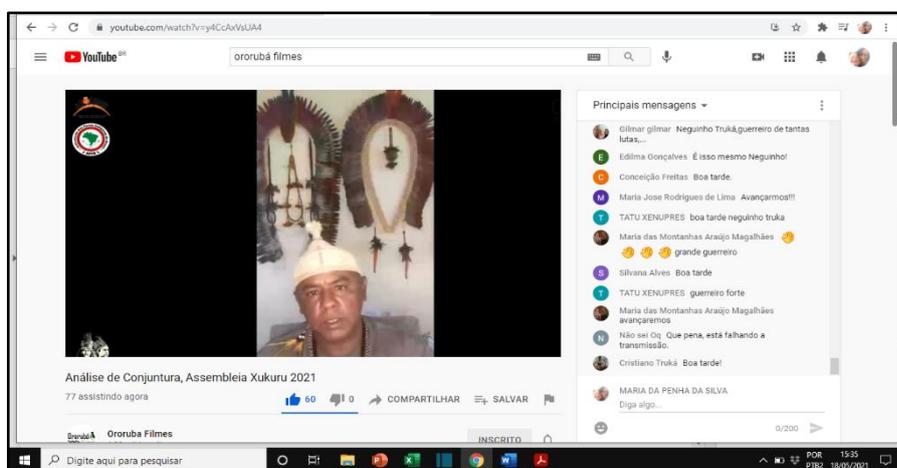
Novamente tudo novo, mas, eu me sentia em casa, pois aquele ambiente me era familiar, e isso me favoreceu. Havia colegas de trabalho que foram minhas professoras, e isso ajudou muito. E algo ainda maior viria acontecer, como falei era apenas uma licença, mas, depois fui convidado a continuar na escola de forma definitiva. Foi muita alegria neste dia, parecia um sonho, e somente quando cheguei em casa tive consciência da nova realidade ao confirmar com a minha coordenadora via mensagem pelo WhatsApp. Essa tem sido uma fase marcante de

minha vida acadêmica e profissional. Tive muitos desafios no início, assim como toda a educação indígena, estávamos diante de uma pandemia, tudo novo para todos. Era meu início enquanto professor, logo de forma remota, mesmo estando já presenciado dessa forma enquanto aluno, foi difícil, pois nesse caso eu era professor. A falta de recursos adequados (acesso a internet para professores e alunos, computadores, etc.) eram os principais problemas enfrentados, a educação indígena foi deixada de lado pelo estado. Mas, com empenho e dedicação, dessa família, que é a educação Truká, que se reinventou e como sempre venceu todo obstáculo imposto. Tenho imenso orgulho de fazer parte dessa família, educação Truká.

### A vida em movimentos para além da aldeia e do IF-Sertão/PE

Os movimentos indígenas também tiveram que se reinventar na pandemia, o cenário não permitia a realização de eventos. Movimentos de grande porte como o acampamento terra livre, realizados na capital do país, todos os anos, que mobiliza indígenas e indigenistas na luta pelas causas indígenas. Durante a pandemia não pôde ser realizado de forma presencial, ocorreu de forma remota nas edições de 2020 e 2021. Outro evento muito importante foi a Assembleia Xukuru do Ororubá, que também foi realizada no formato remoto nos últimos dois anos. Assim como nas últimas edições antes da pandemia, também participamos, porém dessas vezes de forma remota, como pode ser visto na Figura 1, onde pudemos assistir à fala de nosso Cacique (Negunho Truká) nesse evento na edição de 2021.

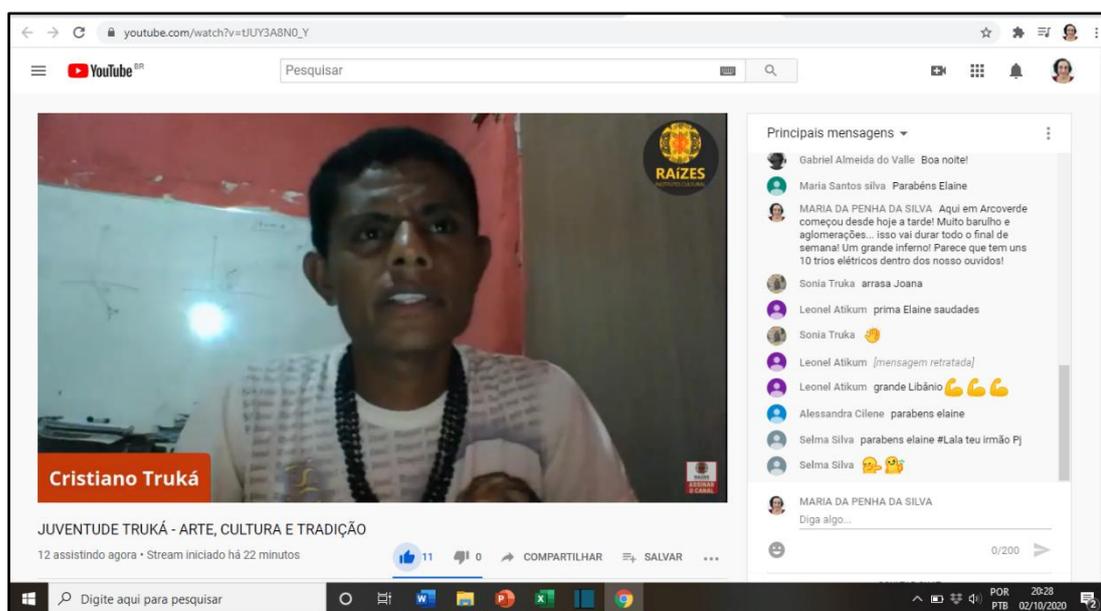
**Figura 1 - Participação na exposição do Cacique Truká durante a XXI Assembleia Xukuru do Ororubá em 2021**



Fonte: Acervo de Maria da Penha da Silva

Também participei de uma palestra realizada pela TV Raízes, onde juntamente com outros integrantes da Organização da Juventude Indígena Truká (OJIT) discutimos sobre Arte, Cultura e Tradição, conforme pode ser visto na Figura 2:

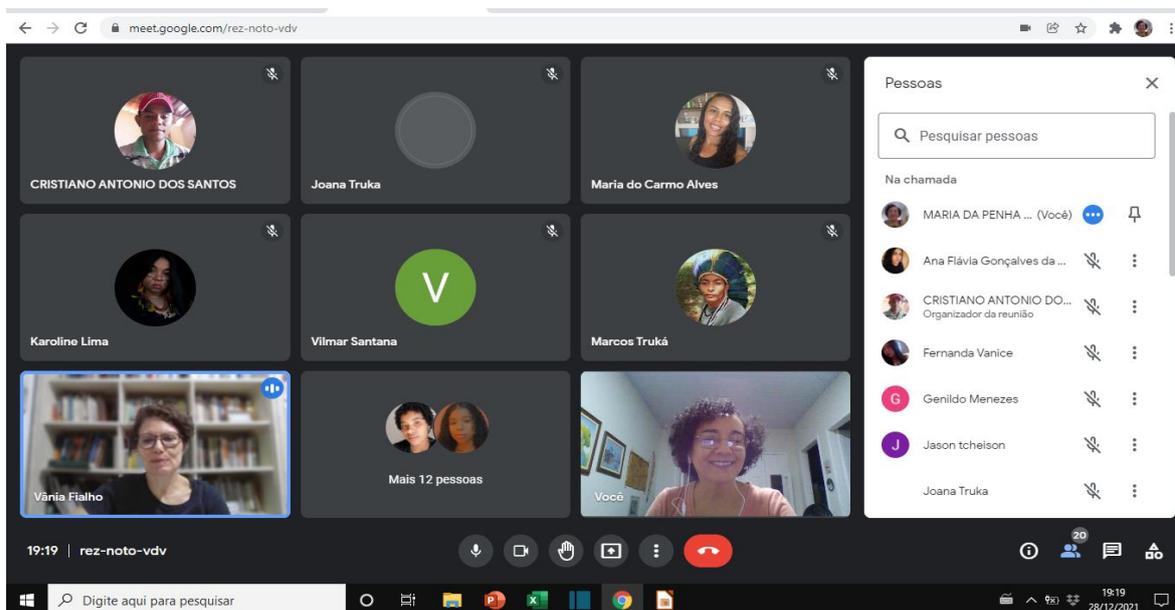
**Figura 2 – Palestra na Live Juventude Truká: Arte, Cultura e Tradição Instituto TV Raízes**



Fonte: Acervo Maria da Penha da Silva

Também tenho o prazer de participar como colaborador da pesquisa de Doutorado em Antropologia sob a responsabilidade da Maria da Penha, pessoa maravilhosa que conheci durante a pandemia, e vivenciamos momentos que me proporcionaram troca de conhecimento e me fortaleceram. A exemplo dos encontros virtuais para a pesquisa. A figura 3 é de um de nossos encontros:

**Figura 3 - Participação e monitoria de reuniões de pesquisa com estudantes indígenas**



Fonte: Acervo Maria da Penha da Silva

Todos os relatos e vivências aqui citados, sejam sobre situações positivas ou negativas, me fizeram crescer enquanto pessoa. Por mais que alguns momentos foram difíceis, consegui vencer cada obstáculo imposto. Agradeço a Deus e as forças encantadas, aos mestres (as) formados pela natureza, professores (as), amigos (as) e minha família que contribuíram em vida. Também quero agradecer em especial à Maria da Penha, amiga que vem me dando uma força imensa, mostrando novos meios e formas de vencer esse sistema que tanto tenta nos excluir. Desta forma, temos que unir as forças para continuar a existir.